

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

**A IMPORTÂNCIA DO SENTIDO DA AFETIVIDADE E
ALFABETIZAÇÃO NO PROGRAMA ALFA E BETO**

NAYRA MENEZES SILVA

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2010

NAYRA MENEZES SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO SENTIDO DA AFETIVIDADE E
ALFABETIZAÇÃO NO PROGRAMA ALFA E BETO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Iara Maria Campelo Lima.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2010

NAYRA MENEZES SILVA

**A RELAÇÃO DA AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO
NO PROGRAMA ALFA E BETO**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Departamento de Educação da Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial a
obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Iara Maria Campelo Lima

Universidade Federal de Sergipe – Departamento e Educação

Prof^a. Dr^a. Yolanda Dantas Oliveira

Universidade Federal de Sergipe – Departamento e Educação

Prof^a. Dr^a Maria Cristina Martins

Universidade Federal de Sergipe – Departamento e Educação

Dedico esse trabalho a todos aqueles que de alguma forma se fizeram presente na minha trajetória escolar e aguçaram em mim meus esforços para concluir esse processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma participaram ou apoiaram o desencadear da escrita desse trabalho, sendo este considerado um trabalho árduo, mas super gratificante para quem trabalhou em cima dele com total dedicação.

Agradeço a toda a minha família que souberam entender todas as minhas noites mal dormidas e fora de casa para tentar uma tranquilidade para que houvesse uma fluência na escrita da monografia.

Agradeço as minhas amigas de curso que tanto me deram força para galgar mais essa etapa na minha vida, onde juntas conseguimos batalhar com competência e habilidades cada momento vivido na universidade.

E, agradeço em especial ao meu amor (C. M. S) por estar sempre me incentivando a almejar um futuro melhor e por todo o tipo de ajuda que me concedeu em todos os quatro anos de faculdade, tendo apenas participado dos três últimos, porém com enormes contribuições.

Agradeço também a Professora Doutora Iara Maria Campelo Lima que soube o quanto me estimular a conseguir dar andamento a esse trabalho que foi para mim super trabalhoso.

Muito Obrigado!

O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.
(Chalita)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar na proposta do programa Alfa e Beto como a afetividade se faz presente no processo de alfabetização, que espaço são criados visando a abertura de participação do aluno. O caráter da pesquisa ao analisar a emoção, a afetividade no processo de alfabetização se caracteriza na perspectiva qualitativa. Metodologicamente será desenvolvido um estudo tomando como referência a proposta de alfabetização Alfa e Beto e os estudos teóricos que fundamentam a afetividade e a alfabetização..

Palavras-chave: Afetividade, Alfabetização, Aluno, Participação, Relação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: A RELAÇÃO DA AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO	12
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO DO PROGRAMA ALFA E BETO	18
CAPÍTULO III: DO SENTIDO DE SI AO SENTIDO DA AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

A afetividade fez e faz parte da minha história de vida e também da minha formação, pois sempre vivi cercada de afeto das minhas professoras na infância e em todo o meu processo de alfabetização, pois foi na lembrança desse momento que notei que hoje, voltando no tempo e lembrando esse momento percebo a presença da relação da afetividade e cognição vivida no processo de alfabetização e reconheço a relevância da afetividade e o quanto muitas vezes é esquecida no processo de ensino.

Nas minhas lembranças vem o prazer de rever que no início do processo de alfabetização tive uma professora que sabia lidar com a relação entre a afetividade e alfabetização e procurava desenvolver bem essa relação, atrelada a nossa aprendizagem. Essa relação de afetividade na aprendizagem, vivenciada por mim no processo de alfabetização, me revelou evidências de sua importância nas práticas pedagógicas, tanto que na minha experiência funcionou como nutriente do meu aprender.

Nesse período do processo de alfabetização utilizava-se do auxílio das cartilhas, mas a professora abria espaço para trabalhar os saberes, as experiências das crianças a partir da temática da lição. Ela fazia valer os seus conhecimentos na prática pedagógica para dar subsídio aos processos de memorização e decodificação realizados na época pelas escolas. Em muitos momentos do processo de alfabetização as estratégias utilizadas por ela eram mais voltadas ao aluno, contudo, a professora ainda mantinha a proposta de controle sobre o pensar e o fazer de modo que dirigia a alfabetização e as crianças obedeciam.

Vivenciado esse processo de alfabetização percebo que a relação de afetividade na cognição no processo de alfabetização é de suma importância, e isso foi demonstrado pela minha professora em diversos momentos, pois foi aí que ela utilizou-se como estratégias os jogos e brincadeiras que focavam a realidade da criança, que ajudaram muito a professora no desenvolvimento do seu processo de ensino. A esse respeito Antunes (1999, p.19), comenta sobre jogos e estratégias vivenciadas pelo aluno, afirma que “aguçam suas funções cerebrais e abastecem sua memória de informações, trazem uma amplitude dos limites de nosso autoconhecimento e de nossas opções para que se trabalhe a empatia, a automotivação e outros processos emocionais”.

Creio que na minha experiência a professora tinha tentado trazer algo mais do que as cartilhas, talvez tentando chegar perto do que afirma Cagliari (1989, p.81) “o que muitas vezes salva o trabalho escolar nesses casos é a competência, a habilidade e o bom-senso de alguns professores, que conseguem obter resultados surpreendentes mesmo usando uma ferramenta muito ruim (as cartilhas)”.

Porém, mesmo com o esforço da minha professora em mudar um pouco o seu método de ensino, vivenciamos nesse processo a concepção de leitura e escrita de forma mecânica. Nesse entendimento Leite (2006, p.452) esclarece “ler e escrever eram reduzidos a atividades de codificação e decodificação, e o processo de Alfabetização restrito ao ensino do código escrito, sendo a cartilha o grande ícone desse processo”. Por isso, que nas turmas de alfabetização o que ainda se vê é que ser alfabetizado é manter domínio da escrita, onde a criança deve praticar exaustivamente o processo da silabação na perspectiva de favorecer a memorização.

É provável que as relações afetivas no processo de alfabetização não sejam tão estudadas devido à escola dá maior importância ao conhecimento racional, dualizando no processo de aprendizagem a afetividade e a cognição desatrelando o prazer do saber, do conhecer, negando dessa forma Leite (2006, p.464) critica quando afirma que “o homem é um ser cindido entre razão e emoção – a chamada concepção dualista do ser humano, cujas raízes estão na tradicional separação cartesiana entre corpo e alma”.

A esse respeito Vygotsky vai explicar que essa dualidade se configura como uma das deficiências da psicologia tradicional na defesa de que o processo de pensamento é considerado como um fluxo autônomo de “pensamentos que pensam em si próprios, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa”. (apud OLIVEIRA, 1992, p.76)

Para tanto, cabe ao professor que tem consciência da sua responsabilidade na construção da aprendizagem dos seus alunos, comprometer-se com a produção do conhecimento em sala, desenvolvendo um vínculo afetivo com as crianças. Para Freire (1993, p.57), “É preciso juntar a humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, com outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensino”, por que se percebe a amorosidade quanto ao aluno, mas não quanto ao ensino. É preciso lembrar que Freire diz

que: “Não adianta ser um aluno ou um professor amoroso, sem que a humanidade não esteja presente dentro dessa relação”. (FREIRE, 1993, p.57).

Alfabetizar não é um processo mecânico onde se copia, repete, reproduz sem significação ela exige a compreensão da leitura e da escrita e esse processo para ser significativo exige uma participação interativa e ativa. Aqui o problema se avoluma, ou seja, o problema surge, gerando a seguinte questão: Será que o professor que vivencia o exercício do ensino sem ter participação nas diferentes etapas do processo de construção de uma proposta, favorecerá o exercício participativo ao aluno?

Instigada por estas questões e interessada na busca da compreensão do processo de Alfabetização, e considerando a importância dada ao programa ALFA E BETO nas escolas públicas do estado de Sergipe que a pesquisa teve como objetivo investigar como a relação de afetividade e alfabetização está implicada na proposta “Alfa e Beto” considerando que essa proposta está sendo desenvolvida na rede estadual e municipal de ensino, tendo assim, objetivos específicos que visavam analisar a participação do professor na organização e reorganização do ensino; analisar se a proposta cria situação de interatividade do professor com o aluno; analisar como a proposta considera as concepções dos alunos; identificar o sentido do “erro” do aluno na proposta; identificar como acontece o processo de construção da escrita e como são trabalhadas com a criança as regras da escrita.

A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva de análise de documentos e para tanto tomou como referência a proposta teórica do programa e os livros que são utilizados para desenvolver o processo de alfabetização com os alunos, são eles: o Livro gigante, o livro Letras e Formas, livro Aprender a Ler, livro de caligrafia e grafismo, para responder a problemática exposta na pesquisa. Para tanto, a pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo tratamos da relação da afetividade e aprendizagem na alfabetização. O segundo capítulo trouxe a fundamentação do programa Alfa e Beto e no terceiro capítulo foi desenvolvida uma análise tentando responder os objetivos propostos e por fim, apresentaremos as considerações finais.

CAPÍTULO I

RELAÇÃO DA AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

As relações que se estabelecem entre criança e adulto no processo de aprendizagem, especificamente da alfabetização são de fundamental importância para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Por isso que ao falar um pouco da criança enquanto um ser em desenvolvimento se constituindo nas relações familiares e especificamente nas relações escolares percebe-se que “na medida em que exprimem estados de desconforto ou bem-estar, são interpretados pelo ambiente como sinais de necessidades a serem atendidas”, afirma Walon (1972), descrevendo o ser como sendo “geneticamente social”, radicalmente dependente dos outros seres para subsistir e se construir enquanto ser da mesma espécie. Para tanto, Antunes (2006, p.5) afirma:

“Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor”.

Ao tratarmos dessa visão de Antunes sobre a afetividade, percebe-se o quanto esta é inerente ao ser humano, não é um sentimento que aparece do nada, pois essa emoção já faz parte de nós e demonstra o quanto ela está nas entranhas da genética. Assim o professor passa a ter um importante papel nessa relação, ou seja, ele é quem trabalhará as emoções dos seus alunos para ajudar no processo de aprendizagem de cada um deles. E a sala de aula por ser um espaço de convivência e de relações pedagógicas, espaço cercado de diversidades de ideias, crenças e valores, espaço de formação humana, onde o aprender e o ensinar são os desafios daqueles que ocupam esse espaço, é nela que o desenrolar dessa relação afetiva vai trabalhar o desenvolvimento da criança e assim, podendo favorecer o crescimento intelectual e afetivo da criança, sem muitos problemas.

Sendo assim, a especificidade da relação professor-aluno no processo de alfabetização é movida pelos vínculos afetivos. Segundo Saltini,

“O educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua vida (SALTINI, 1997, p.62)”.

Desse modo, é fundamental a compreensão de que no processo de alfabetização, enquanto um processo de construção, a participação, a atuação do aluno precisa ser compreendida como um movimento de expressão, prazer, de emoção na busca do conhecer, o movimento cognitivo para resguardar e nutrir a autonomia, ela só pode ser entendida atrelado à significação do aluno. De modo que a presença do professor nesse processo de compreender da leitura e escrita se torna fundamental, uma vez que o processo de construção vai se estabelecendo entre o movimento de si e o movimento do conhecer, logo respeitando o pensar e conhecer do aluno.

Tendo em vista o que foi dito por Saltini, é quando percebo que a minha professora apesar de utilizar-se do método das cartilhas sendo bem presente em suas ações em sala, mas buscou manter esse diálogo, que motivava nossas ações enquanto crianças ávidas por aprender a ler e escrever e colocando nossa energia para fora, expondo nossa capacidade de gerar ideias e colocá-las em prática.

Porém, esse professor pode ter outro comportamento com relação à forma de como lidar com o processo de aprendizagem da criança. A depender da estrutura colocada para ele, dos recursos passados pela escola e toda sua bagagem profissional, é notório que:

“A inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala, no pátio, seja nos passeios e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente (SALTINI, 1997, p.89)”.

Assim, volto a falar da alfabetização que tive um momento em que essa inter-relação baseada no afeto, foi notória e constante no meu processo de alfabetização. O contato da professora com seus alunos, a preocupação em não apenas desenvolver nossas capacidades e de levar nossa realidade para facilitar nossa aprendizagem foi o diferencial naquele momento. “A afetividade é, na verdade, importante porque contribui para o processo de ensino e

aprendizagem, na criação de um clima de compreensão, confiança, respeito mútuo e motivação”. (BRUST, 2009)

Foi compreendido que o afeto estimula a motivação das crianças, é fundamental que os professores devem manter-se atentos para que não haja situações em que suas atitudes tragam reações de seus alunos, sendo estes atraídos pelas atitudes inadequadas do seu professor, como: gritos, atitudes ríspidas, grosseiras, palavrões, atitudes essas que revelam problemas com a autoestima dos alunos. Contudo, segundo Antunes,

“Quando esse professor olha para seus alunos sentindo que a realidade do mundo constitui um dado concreto e que cabe a ele transmiti-lo, e não apenas uma concepção da mente de cada criança que a interpreta segundo suas experiências e crenças, e receita conceitos clássicos desassociando-os das realidades que cada criança ao viver já aprendeu, na verdade está apenas fazendo um discurso que será memorizado transitoriamente pelo aluno, e nunca trabalhando sua transformação pelo incorporar dos novos saberes aos saberes presentes”. (1999, p.17)

Para que o professor possibilite a construção do conhecimento de seu aluno é preciso que a proposta pedagógica trabalhe com a relação das concepções dos alunos e dos professores e crie o diálogo e nessa perspectiva vá estabelecendo uma compressão a respeito do que pensa o aluno e o professor a respeito do conceito em questão. Não cabe ao professor está silenciando o que o aluno pensa, o que o aluno traz da sua experiência e da sua realidade. Nesse sentido a escuta se faz essencial para que o professor rompa com o pensar “egocêntrico” e pense a partir da lógica do aluno para que a interação aconteça.

Por isso, que para Vygotsky (1992) e Wallon (1992) o caráter social da afetividade é a relação da afetividade-inteligência, pois é fundamental para o processo de desenvolvimento do ser humano. E quando o professor integra o que amamos com o que pensamos, ele consegue trabalhar de uma só vez a razão e a emoção.

A essência da relação cognição e afetividade no processo de alfabetização estão em estabelecer uma relação de confiança, motivação, nesse sentido, é visível que se deve trabalhar uma forma de alfabetizar dialogada, que respeite o pensar, o fazer, o sentir, a subjetividade que faça do aluno um ser livre e consciente dos seus direitos e deveres, sempre atrelado a percepção das suas emoções. Nesta perspectiva a aprendizagem se torna significativa como explica Antunes:

“[...] um trabalho com aprendizagem significativa é mais eficiente para estimular o aprendizado do aluno do que um trabalho onde são usados apenas os recursos da aprendizagem mecânica; que distúrbios da atenção podem ser corrigidos ou minimizados quando se envolve o aluno em procedimentos que despertam seu sentido de coerência, motivação e interesse, e que a Alfabetização Emocional, ainda que jamais tire do indivíduo o poder de seu arbítrio, pode ajudá-lo a perceber seus estados emocionais e melhor administrar eventuais explosões, se efetivamente deseja fazê-lo”. (1999, p.17)

Nessa perspectiva quando o desenvolvimento da aprendizagem da Alfabetização do aluno é mecânico, as regras só podem ser trabalhadas de forma impositiva, conseqüentemente esta implicação nega a compreensão das regras de escrita pela falta de clareza e nesse sentido esta dinâmica só favorece a submissão dos comandos do professor. Porém, quando o professor percebe que a criança compreende as regras ele consegue dar continuidade ao processo de aprendizagem dela. A proposta de alfabetização para ser significativa precisa lidar com a significação e concepção de criança, ou seja, a alfabetização não deve ser considerada em função do método que se utiliza e o estado de “maturidade” da criança, como chama atenção Ferreiro (1993) é preciso levar em consideração o objeto de conhecimento da alfabetização, o sistema de representação alfabética da linguagem, e em decorrência as concepções de quem ensina e de quem aprende. Acrescentando a autora coloca que:

“Se aceitarmos que a criança não é uma tábua rasa onde se inscrevem as letras e as palavras segundo determinado método; se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do adulto, mas da de quem aprende; se aceitarmos que qualquer informação deve ser assimilada (e, portanto transformada) para ser operante, então deveríamos também aceitar que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento”. (FERREIRO, 1993, p.29-30).

O método como a autora deixa claro, não pode se limitar a algo fechado e sequenciado não pode ser visto como uma forma de fazer com que a criança aprenda seguindo passos que se são pedidos para que se possa chegar a um determinado fim, esclarece Ferreiro, “A busca de um tipo de intervenção adequada à natureza do processo real de aprendizagem, não reduz especificamente ao que se denominou “o método utilizado”, pois é limitar demais nossa indagação com relação aos problemas colocados pelas crianças (idem, p.30)”.

A criança necessita de um processo de ensino participativo, que faça com que ela interaja, crie, invente, que ela possa se tornar um sujeito ativo na aprendizagem da leitura e escrita. Essa aprendizagem tem como base uma reflexão sobre o aprender do aluno, a história

de vida isso faz com que o aluno pense sobre o que está aprendendo, mantendo uma significação e fixação do que foi aprendido, levando sempre em conta as explicações do professor, pois é ele que faz a mediação no processo de aprendizagem, e é também quem incentiva os alunos a reagir perante os conflitos, dúvidas para que não se tornem cristalizados em erros, ao professor cabe mediar o processo e mediar alternativas novas para solucionar seus problemas. O segredo da alfabetização é a leitura, é poder estar ensinando o aluno como decifrar a escrita. Por isso, Cagliari afirma que:

“Ninguém escreve ou lê sem motivo, sem motivação. Portanto, alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, de passatempo (2006, p.101-102)”.

A motivação faz com que o aluno consiga corresponder ao que é pedido pelo professor. A escrita e a leitura da criança, mesmo sendo feita do seu jeito deve ser levada em conta, pois alfabetizar é essencialmente a aprendizagem da leitura e escrita e isso não se restringe a codificação e decodificação, como muitos métodos assim o fazem.

Cagliari (2007) ainda comenta que no processo de alfabetização, se o professor estiver ciente de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, da evolução no seu processo de interação social, da realidade linguística envolvida no momento que ocorre a alfabetização, mais condições o professor tem de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais que são enfrentados nesse processo. Por isso que quando o professor consegue trabalhar a cognição e emoção juntas, quando ele mantém-se presente na elaboração da proposta de ensino percebe-se o espaço que é dado à criança para que ela possa revelar-se, criar, interagir, inventar, comunicar-se, tornando-se assim, sujeito ativo no seu processo de aprendizagem.

Porém, quando o método é voltado para o ensino sem levar em consideração o movimento de aprendizagem do aluno, este aluno convive com o que se chama ensino diretivo ou método tradicional de ensino, cujo material é voltado para reprodução, algo que já vem pronto e que leva a criança a reproduzir, a memorizar, tendo que ignorar a construção do conhecimento da mesma, sem dar atenção à evolução da escrita dessa criança, tornando-a sujeito passivo daquilo que lhe é imposto, ou seja, o ensino mecanizado, torturante, de aprender letra por letra, sem dar espaço para o novo, atrelado a sua realidade.

Isso quer dizer que o método que é voltado para aprendizagem é favorável para o desenvolvimento de quem aprende, pois faz com que a criança reflita, expresse seu pensamento através da linguagem para interagir com os outros. Quando tratamos da realidade do aluno, o professor deve ficar atento em suas conversas com eles, deixar rolar a livre expressão de cada um, compartilhando com seus conhecimentos e observando as peculiaridades de cada um e também de grupos de alunos que necessitam do auxílio do professor.

Muitos dos métodos utilizados nas escolas hoje são voltados para o ensino, um método da memória, da repetição, da hierarquização, ou seja, o professor ensina e o aluno aprende, parte-se dos elementos mais fáceis para os mais difíceis. A avaliação feita nesse método observa o quanto o aluno já domina o que lhe foi ensinado, porém se não fez ainda deve repetir novamente, ou seja, o que vale na avaliação são os erros cometidos e não os acertos feitos pelas crianças. Para se trabalhar com esse erro nada melhor do que a fixação da aprendizagem, ou seja, repetir, repetir e repetir.

Observa-se que “o método não é uma panaceia que resolve todos os problemas educacionais”, como diz Cagliari (2007, p.60). Para se alfabetizar é necessário que o professor tenha primeiramente paciência, competência e experiência, para que ao encontrar o método estabelecido pelas escolas possa usufruir das suas qualidades, encarando os desafios que vão aparecendo pelo caminho.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO DO PROGRAMA ALFA E BETO

A preocupação com os índices de reprovação e fracasso escolar tem dado efervescência à discussão sobre alfabetização e na tentativa de resolver essa problemática o governo vem procurando soluções, através de pacotes prontos que, sem tirar seus merecimentos, desconsideram que, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” como afirmava Freire (1989, p.11) e que nessa perspectiva toda leitura esta impregnada dos valores, sentidos e significados que revelam o que os alunos percebem e sentem do mundo, para então compreender que o segredo do processo de alfabetização está na leitura como esclarece (Cagliari, 2007) deixando claro o quanto o sentido de si ressoa no sentido dado a leitura como é no processo de ler que as regras e os princípios da escrita são compreendidos.

De fato como acrescenta o autor “alfabetização vem sendo uma questão bastante discutida e pesquisada por aqueles que se preocupam com a Educação, com as dificuldades de aprendizagem das crianças e a grandiosa quantidade de reprovação e evasão nas escolas públicas do país”. (Cagliari, 2007, p. 8) e possivelmente nessa preocupação o INSTITUTO ALFA e BETO¹ (IAB), criou o Programa Alfa e Beto de Alfabetização. A missão do IAB, na sua perspectiva, é disseminar e promover políticas e práticas de educação baseadas em evidências, tendo como a principal delas, resolver essa questão da alfabetização que é o problema número um na educação do Brasil. Por isso, o programa se coloca em defesa da promoção efetiva da alfabetização das crianças. O programa tem a duração de um ano, destinando-se aos alunos do 1º ano do ensino fundamental.

O Programa Alfa e Beto revela na sua proposta que têm como objetivo ajudar o professor a alfabetizar seus alunos. Nessa defesa revela que seu sucesso “não se encontra nas virtudes do discurso teórico, dos métodos adotados ou do material, ele demonstra de forma objetiva, a capacidade do aluno de ler e escrever adequadamente ao final do Programa, de forma a poder continuar sua trajetória escolar com êxito”. Esse programa de Ensino do

¹ IAB – (Instituto Alfa e Beto)-Organização não governamental, sem fins econômicos, criado em novembro de 2006. Constituído pela família Oliveira, tendo como Diretor-Presidente o Professor João Batista Araujo e Oliveira, e como Diretora-Administrativa a Professora Mariza Rocha e Oliveira.

Programa Alfa e Beto de Alfabetização se estruturou com base nas recomendações do ²*National Reading Panel Report*. Sua fundamentação baseia-se na análise de diversas pesquisas científicas que identificaram as competências básicas da alfabetização (Princípio Alfabético, decodificação, fluência de leitura, vocabulário e compreensão, caligrafia) e se apoia em quatro pilares: o Compromisso com o sucesso do aluno, o Paradigma científico predominante: a ³Psicologia Cognitiva da Leitura, os Princípios pedagógicos e a Concepção do ensino da língua.

Apesar de o programa evidenciar o compromisso com o aluno, nota-se que ao trabalhar focando-se na psicologia cognitiva ele está se contradizendo, por que trabalhar a cognição não significa está buscando o sucesso do aluno, ou seja, o pensamento maior é desenvolver nele o seu domínio em memorizar, reproduzir, criar a partir de algo já pronto, apenas executar as tarefas de leitura e escrita para que no fim possa atingir a sua capacidade de ler e escrever adequadamente.

O programa divulga que o seu compromisso com o sucesso do aluno é demonstrar ao final deste, que o aluno é capaz de ler e escrever adequadamente. Com relação à psicologia cognitiva da leitura, o aluno deve demonstrar que compreende e segue instruções verbais e usuais nas situações escolares, bem como usar a voz em tom e ritmo adequado, usar vocabulário e sintaxe adequada para se expressar nas diversas situações da vida escolar, compreender e usar adequadamente termos relacionais.

É exposto na proposta que em relação à consciência fonêmica, o aluno, tratando da concepção da língua deve identificar, discriminar e produzir os 31 fonemas da Língua Portuguesa, associar fonemas e grafemas, identificar os sons (fonemas) em diferentes lugares de uma palavra, analisar e sintetizar, isto é, juntar e separar fonemas para formar ou decompor palavras, contar o número de fonemas de uma palavra.

Para um aluno no início do seu processo de alfabetização conseguir realizar todas essas competências é muito difícil, principalmente por que o programa não dá liberdade ao professor para desenvolver essas habilidades no seu aluno, de outra forma que não seja a estipulada pelo mesmo nos seus manuais. Por isso, que não se pode afirmar que o programa tenha uma proposta atualizada, de grande sucesso no cenário nacional na questão da

² Relatório norte-americano que recomenda as competências da Psicologia Cognitiva ao Programa Alfa e Beto.

³ Psicologia Cognitiva o ramo na psicologia que trata do modo como os indivíduos percebem, aprendem, lembram e representam as informações que a realidade fornece.

alfabetização, pois essa proposta não traz nada de novo, apenas o velho método fônico. Para quem criou o programa, os métodos mais eficazes são os métodos fônicos, que levam o aluno a fazer a correspondência entre fonemas e grafemas de maneira sistemática e explícita, usando técnicas de análise e síntese de fonemas.

Dando sequência as atribuições do programa, ele revela que a criança para aprender a ler precisa:

- Adquirir o Princípio Alfabético:
- Isso significa que a criança deve ser capaz de entender que uma palavra é diferente de um objeto real ou de uma imagem. A palavra Á R V O R E usa uma forma de representação (ou código) diferente da árvore plantada no jardim ou do desenho de uma árvore.
- As palavras não são como desenhos, que representam os objetos de maneira figurativa; são compostas por símbolos, as letras. Cada letra tem um papel na palavra: representa um pedaço dos fonemas (ou sons) que formam uma palavra. mudar uma letra, muda a palavra.

Se a criança que aprende a ler não necessita obrigatoriamente partir do estudo da parte para o todo, ou seja, da letra para a palavra ou texto. Dessa forma, quando o programa diz que a criança deve saber distinguir a palavra, do objeto real ou da imagem do mesmo, ele está tirando dela o seu prazer em demonstrar suas percepções, suas indagações, seu momento de errar e de poder trabalhar em cima de aspectos que giram em torno da sua realidade, pois a “árvore” faz parte da sua realidade e ela enquanto um objeto real pode ser trabalhado de forma mais prazerosa para a criança desenvolver sua aprendizagem na leitura e escrita. Dessa forma, o programa publica na sua proposta que:

- Para adquirir o Princípio Alfabético, a criança precisa adquirir competências, tais como: segmentar palavras, identificar as letras, identificar os fonemas.
- Aprender a decodificar (ou: aprender o Princípio Ortográfico):
- Decodificar significa decifrar o código. O código alfabético representa, isto é, codifica os fonemas da língua por meio de grafemas (letras individuais ou dígrafos). Aprender o código significa identificar o valor sonoro da letra e usar esse conhecimento para "decifrar" ou "decodificar" o que está escrito.

- Para isso, a criança precisa aprender o valor do fonema (isto é, o som) e sua forma de representação gráfica (qual letra pode representar esse fonema) e a emendar ou juntar os fonemas para pronunciar a palavra. O mesmo vale para a escrita: o aluno decodifica o som em fonemas, identifica os grafemas correspondentes e os registra no papel.
- Para aprender a emendar ou juntar fonemas, para ler ou para aprender a soletrar, para escrever, a criança precisa aprender e praticar técnicas de análise e síntese de fonemas.

Ao ver o programa mostrar a importância para com a relação letra e som sem considerar a variação linguística, percebe-se que mais uma vez a criança é obrigada a seguir regras que lhe são impostas, deixando de lado sua participação no seu processo de alfabetização. Visto isso, a proposta assume que torna mais fácil a aprendizagem do aluno sem que este tenha interferência na ação pedagógica, a não ser responder a situações que lhe é apresentada nos materiais cedidos pelo programa. Assim, fica evidente que as concepções do aluno não são levadas em consideração pelo programa, o movimento do aluno é silenciado, o processo de construção da escrita e o trabalho da criança com as regras da escrita são totalmente mecanizados, repetitivos, sem nenhuma participação do mesmo. Seguindo as atribuições divulgadas no programa, vejamos como a proposta propõe desenvolver a fluência de leitura:

- O desenvolvimento da fluência da leitura passa por três etapas: decodificar, reconhecer palavras automaticamente e ler com fluência.
- As etapas de aquisição da fluência de leitura não são sucessivas nem automáticas. O aluno que está aprendendo a ler pode ser capaz de ler algumas palavras automaticamente, ler pequenas frases com algum desembaraço e recorrer à decodificação para ler palavras novas, mais longas ou mais difíceis do ponto de vista morfológico. Sem treino supervisionado, dificilmente o aluno desenvolverá fluência adequada.

O Programa Alfa e Beto publica que se utiliza de diferentes materiais e metodologias para o ensino das competências da alfabetização, por isso o programa se considera como um programa diferenciado e que trás uma proposta de alfabetização diferente, porém, analisando a prática dessa proposta, o que se vê não são diversidades de metodologias, mas atividades que trazem para o professor uma rotina de aulas a ser seguida, desconsiderando assim o real movimento o processo de ensino-aprendizagem.

O programa se propõe a oferecer uma abordagem integrada e sistemática para apoiar o trabalho dos professores, escolas e sistemas de ensino na área da alfabetização de crianças no Ensino Fundamental. Defende que sua estratégia de acompanhamento e sua utilização de material são bem variados e abrangentes, suficientes para o apoio do trabalho escolar e docente na área de alfabetização, porém, o que se observa é que esse material tão elogiado pelo programa tira do professor a possibilidade de reflexão sobre seu trabalho e congela a aula, tornando-as sempre iguais, rotineiras. As professoras mesmo sendo criativas devem está baseada em algo que siga o que foi determinado na proposta.

Esse programa apresenta na sua proposta que é caracterizado um programa atualizado, por levar em conta alguns aspectos, como: a aderência à realidade da formação dos professores; a diversidade de materiais disponibilizados aos professores, aos alunos, materiais impressos e visuais, manuais de procedimentos, CDs e livros de referências de estudo para os professores; a fundamentação baseada na Psicologia Cognitiva; a flexibilidade e a integração que esse projeto trás ao trabalho do professor.

Contudo, como já foram mencionados todos esses artifícios que o programa diz manter na sua proposta pedagógica para dar subsídio ao trabalho do professor de nada lhe favorece, por que a necessidade dele é manter seu vínculo afetivo e emocional com seu trabalho e seu aluno, para assim manter sua autoestima e combater esse controle que o cerca.

Nas competências dessa proposta é exposto que a preocupação com o desenvolvimento do aluno é o alvo principal do programa Alfa e Beto. Para garantir o sucesso desse aluno existe por parte do programa um compromisso que requer:

- “O entendimento e aplicação conscienciosa das diretrizes do Programa por todos os que dele participam.
- O cumprimento do ano letivo: os 200 dias letivos previstos com 4 horas diárias de efetivo trabalho do professor titular com seus alunos.
- O cumprimento do Programa de Ensino dentro do calendário escolar, inclusive a aplicação dos testes em tempo oportuno e a utilização de seus resultados para orientar as atividades de recuperação.
- “A participação ativa, envolvimento e motivação do aluno, inclusive a realização pontual dos deveres de casa”.

A proposta do Programa Alfa e Beto revela sua preocupação com os alunos e defende que o material disponibilizado ao mesmo é bem rico, trazendo um livro para o desenvolvimento da leitura; um livro que abrange o desenvolvimento da psicomotricidade e da caligrafia de forma lúdica e divertida; livros de matemática e ciências que tratam de forma sistemática, simples e divertida dos conceitos fundamentais de iniciação a ciências, estudos sociais, matemática e geometria; são cedidos também a escola materiais de uso coletivo das crianças, como: o alfabeto das letras, cartazes que ajudam a memorizar a ordem alfabética, fonemas e as letras e os fantoches do Alfa e do Beto. Dessa forma transparece que a proposta do programa Alfa e Beto é maravilhosa, porém, isso só é visto na teoria por que na prática o desenvolvimento é bem diferente. Pode-se afirmar que muitos professores preferem desenvolver outro método a trabalhar com o material oferecido pelo programa. Todo esse material é fornecido pelo criador do projeto o IAB (Instituto Alfa e Beto).

O programa propaga dedicação à alfabetização das crianças, pois a familiaridade delas com os livros dar-se-á desde a pré-escola, onde começam a lidar com os livros através do chamado “Livro Gigante” que trás diversas maneiras de encantar as crianças no mundo das letras. Dessa forma, se acredita na credibilidade dos livros cedidos pelo programa, no entanto, o que se percebe é que apesar do investimento na leitura, não há atividades sistemática de escrita a não ser no livro letras e formas, onde o aluno treina sua escrita, ou seja, exercita a sua caligrafia.

O manual que ajuda o professor a desenvolver as tarefas também já é algo elaborado, tornando-o apenas um executor, e fazendo do seu aluno um sujeito passivo. Muitos dos livros de leitura partem da consciência fonêmica, seguindo com uma história contada pelo professor, história essa que pecam pela falta de sentido, por serem textos ridículos que não fazem a criança se envolver com a história, viajar no mundo da fantasia. Esses textos nos remetem ao encontro com a alfabetização tradicional, sendo visto o trabalho com as letras, dos textos curtos e sem sentido e significado, centrado em trabalhar somente a letra e som da letra.

Para o desenvolvimento da leitura das crianças, o programa apresenta dois passos que indicam como o aluno pode vir a aprender a ler, sendo eles:

“Identificar automaticamente as palavras. Para isso, ele precisa de oportunidades para ler e reler várias vezes as palavras conhecidas e que já aprendeu a decodificar. O melhor método é apresentar essas palavras ao aluno em múltiplas oportunidades, de forma repetida e espaçada, em diferentes contextos.”

“Fluência de leitura. A fluência da leitura depende da releitura de textos simples, estruturados, conhecidos e com palavras que o aluno consegue identificar automaticamente ou decodificar. São os chamados "textos decodificáveis". O Programa Alfa e Beto apresenta vários textos desse tipo no Livro Aprender a Ler e nos 110 títulos dos minilivros.”

A Proposta do Alfa e Beto demonstra dar importância tanto a leitura como também à escrita dos alunos que participam desse programa que é implantado na sua escola. Com relação à escrita, pode-se dizer que o programa procura focar-se em três aspectos da escrita do aluno: a caligrafia, a ortografia e a escrita de frases de forma coerente, além de observar o uso da oralidade desses alunos.

A caligrafia permite a fluência e maneira legível da escrita do aluno, pois ela tem como objetivo a comunicação, onde para tanto é indispensável que o aluno consiga comunicar-se em qualquer circunstância, na sala de aula, escrevendo recados, fazendo anotações e etc.

Já a ortografia nesse programa é tida como algo que se aprende de forma inconsciente no ato da leitura. O programa sugere que para o melhor domínio das regras ortográficas é importante à realização de ditados, visto que a criança deve identificar seus erros e identificar as regras para adquirir a segurança na hora de escrever.

O programa Alfa e Beto revela na sua proposta que a escrita de frases e textos feitos pelas crianças é importante para a organização das ideias e dos textos redigidos pelos mesmos, onde para tanto as atividades organizadas pelo programa lhes permite o domínio básico do funcionamento das frases. O professor é fundamental nesse processo de aprendizagem da criança, pois cada competência da escrita deve ser aprendida separadamente. No entanto, se a proposta emudece o professor, deixando-o um ser passivo que somente executa as regras impostas a ele, de nada adianta afirmar que o professor é peça fundamental para o bom desenvolvimento da escrita e leitura do aluno, pois a participação dele será mínima nesse processo de aprendizagem.

A questão da oralidade, peça fundamental na comunicação é também tratada como um aspecto importante na aprendizagem dos alunos que participam do programa Alfa e Beto, pois para o programa “A expressão oral é uma competência fundamental para a comunicação. Não se trata de falar muito ou de falar bem: trata-se de falar de forma adequada aos diversos

contextos. A criança precisa aprender a regular o tom de voz, aprender a pedir a vez, a dar a vez, a ouvir atentamente os comandos ou a opinião de outros, antes de expressar a sua. Também precisa aprender a ler com entonação, a fazer perguntas usando o registro correto, a usar formas de tratamento adequadas a diferentes pessoas, enfim, a identificar os públicos com quem fala e usar a linguagem apropriada a cada um deles. Nas séries iniciais, um dos desafios do professor é ajudar a criança a transitar de sua linguagem local para outras linguagens, especialmente para a linguagem padrão, mais característica da linguagem usada na escola e em outros ambientes formais”.

Com relação à oralidade, mesmo o programa dando ênfase para o aluno buscar trabalhar bem sua comunicação, mesmo com o trabalho da decodificação, o programa ainda deixa a desejar nesse aspecto, pois continua fazendo do aluno apenas um sujeito passivo, que não vê o sentido e significado do seu aprendizado, não consegue fazer dele um indivíduo crítico, um ser pensante, que sabe trabalhar o seu modo de agir, sentir, criar, que trabalha o seu movimento dentro da sua realidade. Por isso, o programa não deveria fazer divulgação na mídia de que é o melhor programa de alfabetização a ser utilizado no Brasil e que vem dando certo em diversos estados do país, pois, sua proposta não possui nada de inovador para acabar com o fracasso escolar.

CAPÍTULO III

DO SENTIDO DE SI AO SENTIDO DA AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como a afetividade está relacionada com a alfabetização na proposta “Alfa e Beto”, para tanto, foi analisado a proposta teórica e todo o material desenvolvido para o aluno, desde os livros, testes e exercícios na perspectiva de encontrar respostas aos objetivos propostos nesta pesquisa, para então identificar e analisar a presença da: interatividade do professor com o aluno, da participação do professor, como se trabalha as concepções, como é visto o “erro” do aluno, como acontece à construção da escrita e como as regras de escrita são trabalhadas com os mesmos.

Em virtude de ser a proposta um pacote fechado, que já chega pronto para o professor, a análise a esse respeito, revela que, assim como o professor não participa de nenhuma etapa da elaboração da proposta, ela também não cria possibilidades de situações de interatividade entre professor e aluno, em decorrência cabe ao professor apenas cumprir suas funções, ou seja, o professor executa as tarefas imposta na proposta pedagógica e o aluno efetiva os exercícios. A respeito desse processo de ensino explica Freire "o educador que “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se”. (p.56). Acrescentando o autor coloca que a autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem que ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á "inautêntico, palavreado vazio e inoperante". (p.62)

Para Freire (1996), educar é construir, é libertar o ser humano daquilo que lhe foi determinado, é ensinar a pensar certo, é algo dinâmico que atinge a questão da identidade cultural a dimensão individual e a classe dos educandos, focando assim a conscientização do mesmo, e não apenas uma transferência de conhecimentos de forma mecânica.

A perspectiva da proposta é que nesse processo mecanicamente construído o aluno atinja o objetivo do programa, terminar o ano letivo sabendo ler e escrever, mesmo sendo um sujeito sem participação nesse processo. Com isso, as concepções do aluno são esquecidas a todo o momento, ele não consegue se expor, nem trazer modificações ao seu aprendizado, já

que a proposta favorece apenas o ensino. Assim, o “erro” do aluno é visto como algo que deve ser trabalhado repetitivamente, com muitas cópias como era visto no método das cartilhas.

Na verdade o momento da aprendizagem da escrita as tentativas não podem ser consideradas erros, as tentativas são formas de o aluno revelar suas concepções a respeito da escrita. A esse respeito Ferreiro (1993) comenta que: “quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado”, na verdade a escrita possui regras que devem ser descobertas com o uso e tentativas, mas as regras impostas sem significação para a criança representa como diz Freire (1996) o palavreado vazio, talvez esteja aí à explicação de tanta dificuldade nossa com a escrita da língua portuguesa “o vazio de significação” e em decorrência o esquecimento constante.

Na verdade a proposta pedagógica em questão toma como referência o método fônico, onde o aluno é levado a conhecer as letras e associar as letras com os sons (fonemas) que elas representam. Em defesa desse princípio o programa Alfa e Beto é considerado diferenciado, tendo em vista a proposta dos outros métodos fônicos, mas o que se observa é que a significação do “novo” na proposta revela ser nada mais do que o velho “método das cartilhas” enfeitado pela “consciência fonêmica”, e tem sido considerado a solução para os problemas da alfabetização no Brasil.

Portanto, a proposta pedagógica do programa Alfa e Beto vai de encontro ao que defende toda proposta teórica, a respeito da alfabetização, quando considera ser o aluno sujeito ativo e participativo do processo de ensino aprendizagem, como afirma Torres (2008, p.15), a criança precisa ser respeitada enquanto um “sujeito ativo e inteligente, capaz de pensar sobre o que está aprendendo”. Para o programa Alfa e Beto torna-se a melhor proposta pedagógica, o verdadeiro programa atualizado que tem o aluno como seu foco principal e não o ensino, ele deve dar destaque ao trabalho do professor, pois, segundo Cagliari (2007), é ele que:

“Sabe como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.” (p.9)

Conseqüentemente, esta constatação fica evidente por que o método do ensino implicado nessa perspectiva retrata a significação de uma propositura coerente com o ensino diretivo, onde segundo Cagliari (1998, p.41), “as atividades que devem ser feitas pelos alunos, devem seguir um modelo prévio, transmitido como ensino. [...] o aluno procura sempre responder, com o que faz, de acordo com as expectativas do autor do livro, da cartilha ou do professor (que passa a lição)”. Diante do exposto, tanto na proposta das cartilhas quanto dos livros do Programa Alfa e Beto de Alfabetização é negada, é ignorada a variedade linguística, a singularidade, a construção simbólica da criança, algo que deveria ter a maior ênfase, por que se o programa revela trabalhar exaustivamente a leitura e a escrita dos alunos, essa variação dignificaria a proposta trazendo para prática o que é publicado na teoria.

No entanto, estudos comprovam que não considerar a variação linguística e tomar a relação letra e som como absoluta traz problemas para a aprendizagem da escrita ortográfica, principalmente para a criança que não fala o dialeto de prestígio social. O que se vê nos livros do Programa é que conjuntos de exercícios que visam desenvolver habilidades específicas nas crianças, como a coordenação motora, lateralidade e a discriminação auditiva e visual, que são desenvolvidas no livro Letras e Formas. Com isso, a atitude que se deve tomar com relação à variação linguística é considerar sua presença nas falas das pessoas, e não reforçar as relações letra e som, assim afirma Torres (2008, p. 16).

Com relação ao trabalho de escrita e leitura da proposta, existem muitos textos e exercícios do programa que não trabalham a escrita e a leitura juntas, sendo assim, os professores se vê focados somente na oralidade e deixam a escrita em segundo plano, por que existe a obrigatoriedade de sempre seguir o que está proposto nesse pacote já pronto. Outro ponto que o programa Alfa deixa a desejar está relacionado à compreensão dos textos, por que muitos dos textos apresentados nos livros apenas dão ênfase à forma, assim esquecendo-se do sentido e significado que o texto pode representar para os alunos. A criança perante textos desse tipo não conseguem fazer uma interpretação do que foi lido, por serem textos repetitivos, curtos e que em certos momentos não são nem lidos por elas, como nos testes aplicados pelo próprio programa, testes estes que tiram do professor o direito de avaliar seu aluno no processo de alfabetização da forma que lhe fosse mais condizente.

Devido aos exercícios e textos repetitivos aplicados, observa-se que o programa ignora a prática do aluno, fazendo desse aluno apenas um seguidor daquilo que é imposto pelo método e seguido pelo professor criteriosamente, sendo este um fator que nos revela o quanto

a relação afetividade e alfabetização é negada no programa, pois ao focar-se somente no ensino não sobra espaços para que o professor trabalhe diretamente com seu aluno visando a sua aprendizagem. Dando sequência aos pontos negativos do Programa Alfa e Beto diante da relação afetividade e alfabetização, nota-se que o programa não leva em conta a prática da escrita, pois é vista superficialmente em sala de aula, não dando garantia do uso da língua em suas modalidades oral e escrita. Os trabalhos geridos pelo professor que segue as regras do programa Alfa e Beto não trazem a tona algo que é fundamental no processo de alfabetização, a autonomia, não só do professor, mas também do seu aluno que vive na expectativa de aprender e o professor na de ensinar.

Porém, o que nos revela o programa é que por manter o padrão já visto no método das cartilhas, é notório que mesmo tendo sido preparados por professores os livros e manuais presentes na proposta pedagógica do Alfa e Beto estão bem defasados, com isso percebe-se que alguns professores também precisam melhorar o seu grau de conhecimento com relação ao processo de alfabetização, pois nem sempre um curso de capacitação é suficiente para agregar valores importantes para saber como lidar com os alunos, como é feito no programa.

Como fica explícito na proposta teórica do programa Alfa e Beto o ato de ensinar não deve ser restrito a transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção, esse ato de ensinar poderá deixar de ser um martírio, para assim se tornar um processo de construção permanente de conhecimento, levando em conta que cabe ao professor a responsabilidade de fazer com que os seus alunos se interessem pela leitura e pela escrita, e que a participação dos mesmos nas etapas que o auxiliam a desenvolver bem o seu ensino é de fundamental importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumir que o processo de alfabetização no espaço escolar é o pontapé inicial ao bom desenvolvimento cognitivo e afetivo de uma criança, nota-se que a afetividade e alfabetização fazem parte de uma relação que deve ser mantida nas escolas, pois as emoções trazidas por essa relação é que podem garantir uma melhor atenção e esforço por parte do aluno no processo de aprendizagem. “A afetividade está completamente atrelada à inteligência”, segundo Wallon (apud Dantas, 1992 p.90). Por isso, a problemática desta pesquisa nasceu do meu movimento como aluna que viveu numa relação de afeto, porém no silêncio da afetividade no ensino.

A tomada de consciência desse silêncio foi mobilizada pelas lembranças do quanto minha realidade, minha curiosidade, meus sentidos e significados eram emudecidos em função do ensino tradicional da cartilha, hoje percebo o quanto minha professora já sinalizava a preocupação em criar possibilidades de aprendizagem significativa, uma vez que ela atrelava a lição trabalhada na cartilha, a saberes e experiências do nosso cotidiano. Mas, só hoje compreendo que o afeto que ela nos demonstrava tinha a significação da aprovação, o afeto era representado pelo carinho devido ao cumprimento da obediência e do dever cumprido pela ausência do erro, fato aterrorizante na escola.

Fazendo referência ao que Vygotsky nos apresenta com relação ao dualismo entre afetividade e inteligência, o que pode ser analisado dentro da proposta é que quando o professor trabalha satisfeito com o que está fazendo, o processo de ensino-aprendizagem transcorre de forma satisfatória tanto ao professor quanto ao aluno. Quando amamos o que fazemos e somos privilegiados com um bom desenvolvimento do trabalho realizado em sala de aula, a evolução do aprendizado é visível. Com isso, está dualidade entre trabalhar o cognitivo ou o afetivo na alfabetização trás grandes problemas tanto a quem ensina quanto a quem aprende, pois, a razão e a emoção não devem ser separadas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A negação do movimento de busca e iniciativa que revela o sentido da afetividade da criança é contrária à estruturação da proposta, pois ela silencia o movimento do professor e do aluno, tal qual na proposta da cartilha. A centralização do programa está na aplicação dos instrumentos que se configuram como execução do ensino, deixando à margem as concepções

de quem ensina e de quem aprende. Nesse sentido, nega o que Freire (1996) defende quando afirma que educar é construir, é libertar o ser humano daquilo que lhe foi determinado, é ensinar a pensar e isso é algo dinâmico que atinge a questão da identidade cultural, a dimensão individual e a classe social dos alunos, focando assim a conscientização do mesmo, e não apenas uma transferência de conhecimentos de forma mecânica.

No processo de leitura e escrita da criança no programa Alfa e Beto esta afetividade é totalmente negada. O processo de leitura é feito com textos ridículos e que na maioria das vezes são lidos pelos professores, ou seja, o contato do aluno com a leitura é bem diferenciado do que é visto na proposta. Já no processo de escrita, a criança é levada a copiar somente aquilo que lhe é imposto, a criança não pode criar seus próprios textos, tudo deve ser feito perante o que se propõe o programa. A linguagem do aluno é também trabalhada de forma esquematizada, o aluno não pode trazer o novo para ser integrada ao programa, sua linguagem vivida na realidade do seu cotidiano, deve ser esquecida no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, a afetividade é um aspecto importante na alfabetização da criança por que ela promove uma melhor relação entre o professor e o aluno, e essencialmente atrelada à cognição considera o aluno na sua totalidade enquanto sujeito que pensa, sente, chora, ela não deve ser pensada como único meio norteador para atingir a aprendizagem, mas deve ser considerado um elemento fundante no processo de ensino e aprendizagem. Além desse elemento influenciador para a aprendizagem, existem outros elementos que devemos estar considerando importante, pois podem influenciar a relação da afetividade com a aprendizagem. Esses aspectos históricos, políticos e sociais devem ser levados em conta, visto que, a realidade de cada criança pode ser caracterizada nas suas atividades escolares como também na maneira que o professor trabalha em sala de aula, sendo assim mantida a motivação tanto do aluno quanto do professor em realizar suas tarefas. A afetividade e a inteligência contribuem diretamente para o bom desenvolvimento da aprendizagem da criança, conseguindo assim unir a razão e a emoção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.R.de. **Ser professor: um diálogo com Henri Wallon.** In: MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. de (orgs). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*, São Paulo: Editora Loyola, 2004.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional: novas estratégias.** 7ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **A afetividade na escola: educando com firmeza.** Londrina: Maxiprint, 2006.

BRUST, Josiane Regina. **A Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem de Crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2007.

_____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização.** 21ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Editora olho d'água, 1993.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

La Taille, Y; Dantas, H; Oliveira, M, K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. S.. **O processo de alfabetização escolar: revendo algumas questões.** *Perspectiva* (Florianópolis), v. 24, n. 2, p. 449-474, 2006.

SALTINI, Claudio. J.P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

TORRES, Lianna de Melo; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo. **Políticas Públicas de educação para as séries iniciais: estudo sobre os programas ALFA e BETO, SE LIGA e ACELERA as escolas públicas da rede estadual de Sergipe.** Aracaju: Síntese, 2008.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação.** 6 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA:

Disponível em: <http://www.alfaebeto.org.br>, acessado em: 05 de outubro de 2010.